

A UTILIZAÇÃO DA ESCRITA NO *WHATSAPP* E SUA INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL

9

THE USE OF WRITING IN *WHATSAPP* AND ITS INFLUENCE IN THE PRODUCTION OF FUNDAMENTAL TEACHING SCHOOL TEXTS

BARBOSA, Antônia Alexandre

Mestre pelo Programa Profissional em Letras-PROFLETRAS, campus de Cajazeiras-CFP-UFCG; professora do Ensino Fundamental da Rede Pública do Ceará.

OLEGÁRIO, Maria da Luz

Doutora em Educação, mestre em Língua Portuguesa, docente do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba. Está vinculada ao Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, campus de Cajazeiras-CFP-UFCG e ao Programa de Pós-Graduação em Gestão nas Organizações Aparentes-MPEGOA-UFPB.

E-mail: daluzprof@gmail.com

RESUMO:

As influências das mídias digitais e das estratégias empreendidas em seu uso e possíveis influências sobre a linguagem escrita, especificamente, no *Whats-App*, são o escopo deste estudo. Fundamentado em pesquisas desenvolvidas por Crystal (2001), Galli (2002), Xavier (2011), Marcuschi e Hoffnagel (2007), Araújo e Biasi Rodrigues (2005) e Marcuschi (2010), trata-se de levantamento bibliográfico que reflete sobre a linguagem na contemporaneidade, mais especificamente, a linguagem produzida nos novos meios digitais, especialmente as mensagens de *WhatsApp*, e sua possível interferência sobre a produção de textos dos estudantes do ensino fundamental. Para tanto, faz-se uma breve incursão pela história da escrita, tendo por base os estudos de Higounet (2003) que traduzem a evolução dessa modalidade como uma necessidade histórica do ser humano e permite perceber a linguagem digital como um novo estágio nesse processo evolutivo. Assim, percebe-se a necessidade de se considerar a linguagem produzida nos meios digitais como material de análise pelos/as professores/as de língua portuguesa que atuam no ensino fundamental, séries finais, os quais, através dessa abordagem, poderão

ter uma melhor compreensão de certos problemas apresentados na escrita dos estudantes e, conseqüentemente, contribuir para o avanço na produção da escrita desses estudantes em níveis mais formais.

Palavras-chave: Whatsapp; ensino da escrita; texto escolar.

ABSTRACT:

The influence of digital media and the strategies employed in its use and possible influences on written language, specifically in WhatsApp, are the scope of this study. Based on research developed by Crystal (2001), Galli (2002), Xavier (2011), Marcuschi and Hoffnagel (2007), Araújo and Biasi Rodrigues (2005) and Marcuschi (2010), this is a bibliographical survey that reflects on the language in the contemporary world, more specifically, the language produced in the new digital media, especially WhatsApp messages, and its possible interference in the text production of elementary students. In order to do so, a brief foray into the history of writing is made, based on the studies of Higounet (2003) that translate the evolution of this modality as a historical necessity of the human being and allows to perceive the digital language as a new stage in this evolutionary process. Thus, one can see the need to consider the language produced in digital media as a material for analysis by Portuguese-speaking teachers who work in elementary education, final series, who, through this approach, may have a better understanding of certain problems presented in student writing and, consequently, contribute to the advancement in the writing production of these students at more formal levels.

Keywords: Whatsapp; teaching writing; school text.

INTRODUÇÃO

À escola cabe sempre um questionamento sobre o que ensinar e como trabalhar com os conteúdos e instrumentos novos que se apresentam na sociedade, tendo em vista o cumprimento de sua função social. Dentre os conteúdos tradicionais trabalhados pela escola e ainda muito exigidos pela sociedade contemporânea, está o domínio da escrita formal, ou seja, a norma culta padrão (POSSENTI, 1998). Considerando o ensino brasileiro como um todo, não podemos esquecer que sua eficácia está sendo cada vez mais questionada, à

medida que se ampliam as exigências de capacitação dos cidadãos para viver num mundo cada vez mais complexo de informações, conteúdos e componentes tecnológicos. Pesquisas apontam que a aprendizagem está muito abaixo do desejável, apesar de uma pequena evolução apresentada nas últimas décadas e dos pontuais avanços recentes nas séries iniciais no ensino fundamental. Os dados mais acessíveis para comprovar essa afirmação podem ser encontrados no Sistema de Avaliação da Educação Básica do Ceará – SPAECE (2015).

São perceptíveis os indícios de equívocos e/ou lacunas no ensino de Língua Portuguesa, doravante LP, que contribuem para esse déficit comentado acima. Isso ocorre porque, ao menos em parte, as aulas de linguagem não têm promovido a apropriação dos mecanismos da escrita formal pelos/as estudantes. Essa é uma constatação possível quando da apreciação de textos de alunos/as do nono ano do ensino fundamental: ao contrário do que se espera, de modo geral, essa escrita tem se apresentado bastante sucinta, pouco articulada, textos breves, organizados principalmente em períodos simples e, muitas vezes, sem complementação das ideias que o/a autor/a apresenta.

Com um olhar voltado para o entorno dessa produção textual, a maioria desses/as estudantes faz uso constante de mensagens escritas online, principalmente pelo aplicativo *WhatsApp*.

Torna-se, assim, pertinente como estratégia para os/as professores/as de língua portuguesa, nessa busca constante pela eficácia do ensino da escrita, conhecer e inserir, no trabalho pedagógico, as diversas produções digitais presentes nas práticas sociais dos/das estudantes e, apropriando-se dessas linguagens, observar se haveria intercâmbio nas estratégias utilizadas, com influência das mesmas sobre a produção textual convencional (produzidas em sala de aula a exemplo de respostas de exercícios, cartazes tec) ou quem sabe propondo ações didáticas a partir dessas produções escritas.

As considerações expostas não implicam em desconsiderar que outros fatores sejam muito relevantes para o fracasso do ensino da escrita, mas tão somente delimitar o objeto desta pesquisa.

O ensino de língua não pode ser dissociado de seu uso efetivo. Hoje o uso da linguagem passa, sobretudo, pelos mecanismos e formatos produzidos pela tecnologia; assim é impossível dissociar

esse contexto da produção textual nos meios digitais do trabalho efetivo com o ensino da língua, sobretudo para este estudo específico, do ensino de língua portuguesa. Tradicionalmente, o ensino de LP objetivou a apropriação da variante de maior prestígio social pelos estudantes. Não obstante, apesar de a linguagem digital ter tomado contornos cada vez mais presentes no cotidiano, a aquisição dessa variante ainda é um fator preponderante no ensino. Por sua vez, a grande maioria dos estudantes não atinge os padrões esperados em nenhuma das etapas da educação básica. E ainda: a qualidade dessa escrita tem sido reduzida.

Parece contraditório, mas quando a escrita tem sido mais acionada, sua qualidade apresenta maior deficiência, do ponto de vista formal. Estaria a escrita digital influenciando a escrita tradicional, tida como variante de maior prestígio social? As formas de expressão utilizadas nos meios digitais, em muitos espaços da sociedade, tornaram-se um desafio para a escola quando observamos os limites dos usos das diversas linguagens, admitindo-se que esses limites existam e que não são totalmente respeitados. Esse desafio consiste numa certa *contaminação* da escrita regular que não se restringe ao uso de vocábulos ou inclusão de símbolos próprios da linguagem digital, como as *emoctions*, por exemplo, mas, possivelmente, uma certa internalização das estratégias utilizadas pelos estudantes nos meios digitais de tal modo que pode se observar um novo modelo de escrita quando esses mesmos usuários fazem uso dessa modalidade da língua. Observa-se, sobretudo nas conversas online, a realização de uma escrita comprometida com a brevidade, muito marcada por truncamentos e expressões coloquiais mais comuns na modalidade oral. A linguagem do *WhatsApp*, muito utilizada em nossos dias, exemplifica bem essas características.

Interessa-nos entender por que isso acontece e se essa realidade tem repercutido nos enunciados escritos dos/as estudantes produzidos nas aulas de LP. Não parece incoerente supor que os/as estudantes, por estarem utilizando tão intensamente as mídias digitais, especificamente o WhatsApp, ao escrever textos escolares, sejam levados/as a realizar rupturas em seus enunciados. E, se tais experiências são de fato importantes como se pode supor, seria também coerente acreditar que a falta de uma pedagogização dessa manifestação da língua escrita,

por parte da escola, possa dificultar o avanço dos alunos em suas produções escritas formais. Em resumo, a questão norteadora que orientará este estudo é: a acentuada utilização da escrita nos espaços digitais, especificamente do WhatsApp, pode influenciar a produção de textos de estudantes do nono ano do ensino fundamental?

Um dos fatores que impulsiona a pesquisa é o fato de que os/as estudantes estão cada vez mais interagindo a partir dos gêneros digitais, principalmente nas redes sociais, investindo nestas tempo e fazendo desses espaços novos espaços de comunicação e aprendizagem constantes. É uma rede de sociabilidade cujos sujeitos aprendem, no dizer de Gomes (2016, p.82): “mesmo não sendo necessariamente os escolares, integram-se à bagagem cultural dos alunos, embora não costumem ser valorizados nem pelos professores, nem pela escola”. Cabe ao espaço institucional de ensino utilizar essa motivação e essa possibilidade de aprendizagem, das quais nem sempre se dispõe no trabalho em sala de aula, para realizar sua função social.

Em razão de ser uma pesquisa em andamento cujos dados empíricos ainda estão sendo construídos, as questões aqui apresentadas serão respondidas a partir de levantamento bibliográfico.

Assim, este trabalho de pesquisa se inicia por problematizar a linguagem e seu uso na contemporaneidade, refletir sobre as influências das mídias digitais e as estratégias empreendidas em seu uso e as influências sobre a linguagem escrita, especificamente, no contexto do *WhatsApp*. Isso porque os/as alunos/as estão inseridos/as numa sociedade digital, como propõe Gomes (2016):

as pessoas hoje escrevem, fotografam, filmam, compõem textos com imagens, áudio e vídeo e compartilham produções [...] estão mais interessados na manutenção de relacionamentos (GOMES, 2016, p. 45).

É urgente que a escola se aproprie e aprenda a gerenciar as diferentes ferramentas tecnológicas, fazendo uso adequado das mesmas e colocando-as a favor do ensino.

O segundo aspecto da discussão problematiza a escrita e os mecanismos aplicados em sua evolução, e, delimitando a reflexão, aborda-se a escrita produzida nos bate-papos da *internet*, dando especial atenção para a linguagem utilizada no *WhatsApp*.

Por fim, são apresentadas as considerações finais acerca

das reflexões que o estudo proporcionou onde são apontadas possibilidades para uso do WhatsApp como ferramenta pedagógica e como contribuição ao ensino de Língua Portuguesa.

LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE E INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS DIGITAIS

Em busca de solução para seus problemas cotidianos e de sobrevivência, o ser humano produziu a tecnologia, ou seja, soluções criativas que o ajudaram desde os mais remotos tempos a vencer as adversidades do ambiente. Da descoberta do fogo, passando pela invenção dos primeiros instrumentos de caça até nossos dias, o ser humano foi engenhoso e muito bem-sucedido em sua produção tecnológica. Quanto mais evoluem as técnicas, mais produtos sofisticados são criados e rapidamente substituídos por outros mais complexos. O mundo ganhou velocidade e as comunicações tornaram-se cada vez mais eficientes, mas as relações também foram transformadas nesses processos de mudança.

Xavier (2011) afirma que toda tecnologia é um conhecimento criado, desenvolvido e aplicado para resolver os problemas de limitações físicas e intelectuais do ser humano; isso se confirma quando se pode refletir com o autor sobre o aumento da velocidade e os ganhos de produtividade, assim como de qualidade que se tornam visíveis tanto na realização de atividades quanto na produção de artefatos, quando uma nova tecnologia é desenvolvida. As conquistas tecnológicas, ao longo da história humana, propiciaram mudanças em seu comportamento e facilitaram a realização de muitas atividades complexas, cansativas e por vezes perigosas, assim, na maioria das vezes, a tecnologia facilitou a vida humana.

Na perspectiva de Xavier (2011), as tecnologias são promotoras do desenvolvimento social, cultural e econômico, imprimindo à marcha da humanidade suas marcas e construindo a civilização humana em diversos níveis e estágios. Dentre as grandes conquistas tecnológicas da humanidade, destaca-se a aquisição da linguagem, habilidade surgida no último estágio da civilização, a do *Homo Sapiens*, diferenciando definitivamente o ser humano das outras espécies. A linguagem é, pois, a tecnologia mais significativa para a concretização da condição humana. Através dela, o homem pode articular e planejar o seu fazer,

trata-se de uma tecnologia que potencializou a evolução das demais tecnologias. Mediante essa constatação é que o autor afirma:

Cabe à linguagem a responsabilidade de coordenar o processamento dos dados acessados pela percepção ativada e transmitida pela rede neural (audição, visão, tato, gustação e olfato). Ela orienta o tratamento cognitivo que tais dados receberão seja do raciocínio, seja da memória, seja da imaginação. Em uma palavra, a linguagem gerencia a racionalidade, condição essencial à evolução tecnológica da humanidade (XAVIER, 2011, p. 32).

A perspectiva neste trabalho coaduna com a do autor, considerando que a linguagem possibilita a organização, a transmissão e a ampliação do conhecimento, combinados de estratégias que foram fundamentais para a evolução da humanidade e sobremaneira no processo de construção do conhecimento. Entre outras situações de impacto sobre os modos de comunicação, pode-se citar a transmissão radiofônica, a telefonia, a criação da televisão. Todos esses incrementos tecnológicos significaram mudanças, pois criaram novos hábitos que foram internalizados pela cultura humana, trouxeram facilidades e algum grau de bem-estar às pessoas, em detrimento de suas desvantagens.

O final do século XX ficou marcado pela aceleração do processo de globalização, derrubando fronteiras, nos vários campos do universo de conhecimento cultural, social e histórico, impulsionados, sobretudo, pelo comércio e pela migração, os quais proporcionaram a disseminação do conhecimento.

Uma das marcas da globalização é a velocidade com que evolui a tecnologia (GALLI, 2002). O mundo mudou e com tal velocidade que produziu efeitos impactantes nas últimas décadas, alterando costumes e comportamentos. Dentre as principais conquistas humanas relativas ao avanço tecnológico, pode-se destacar a *internet* pela alteração provocada no que diz respeito às possibilidades por ela viabilizadas, incluindo aí a agilidade nas comunicações interpessoais, o acesso às informações em tempo real, a facilidade proporcionada, ou seja, a *web* revolucionou a sociedade e, nesse contexto, produziu alterações também na linguagem; somou-se às linguagens humanas já existentes a linguagem produzida nos meios digitais, a qual trouxe inovações aos processos de comunicação.

Segundo Crystal (2001), foi a partir de meados dos anos de 1990,

que se intensificaram as perspectivas de análise do ponto de vista. O autor destaca a importância do componente linguístico no contexto da *internet*, alegando que se a *Internet* é uma revolução, é provável que seja uma revolução linguística. A linguagem, em si mesma uma tecnologia indispensável ao desenvolvimento dos sujeitos (XAVIER, 2011), toma novas formas e as tecnologias permitem o estabelecimento de novas conexões. Pessoas hoje podem se comunicar em tempo real mesmo estando em lugares extremos do planeta. Isso implica interações novas, visto que a língua não será suficiente para estabelecer as novas conexões. Foi preciso criar mecanismos que viessem a suprir as lacunas provocadas pelo não domínio das línguas. Dinâmica por natureza, a linguagem ganhou novos desenhos, assim se associam ao código convencional já internalizado à apropriação de novos símbolos, novas sintaxes, na tentativa de produzir sentidos de forma mais rápida sem perder a eficiência.

Assim, é relevante destacar que, se por um lado a *internet* incentiva ações novas que permitem profundas mudanças sociais, por outro lado ela também permite o surgimento de novos modos de operação cognitiva. Em Crystal (2001), indaga-se em que medida nosso comportamento linguístico foi alterado pela *internet* de modo a ser considerado revolucionário. Nela são produzidos dialetos distintos, dependendo da origem de seus usuários ou ainda se trata de usos idiossincráticos não possíveis de serem classificados, questiona o autor. Para este, há a linguagem da web que traz elementos próprios dos diversos discursos da sociedade (legal, religioso, literário, científico, jornalístico, entre outros), mas há a linguagem mais próxima da conversação face a face, tais como as desenvolvidas nos *chats*, *e-mails*, mundos virtuais, especialmente nos ambientes de interação, onde, embora se faça uso da escrita, prevalecem muitos elementos constitutivos da linguagem oral. São essas linguagens produzidas nas mensagens instantâneas, em tempo real, linguagem carregada de marcas da informalidade, muitas vezes despojadas de qualquer “moderação”, mas que servem perfeitamente aos objetivos comunicativos dos usuários mais produzidas e acessadas pelos jovens e adolescentes diuturnamente. Escreve-se como quem fala, muitas vezes, há uma despreocupação com qualquer censura, criam-se formas de dizer, aceitas por esses usuários que se afastam dos padrões convencionais da escrita. Essa é a perspectiva seguida nesta pesquisa.

Araújo e Biasi Rodrigues (2005), nessa mesma linha de raciocínio, identificam na natureza da escrita que se desenvolve na *internet* certa primazia de estratégias orais sobrepondo-se às estratégias da escrita. Esses autores polemizam quando trazem essa tese, mas sua argumentação procede quando se analisa que as formas de comunicação predominantes hoje nos espaços virtuais são simultâneas, em tempo real, ou seja, há um planejamento, mas esse modo de produção não permite que seja mais elaborado; os interlocutores a constroem simultaneamente, no ato de comunicação. Essas estratégias aproximam-se sobremaneira das estratégias da linguagem oral. O resultado é uma escrita carregada de elementos extralinguísticos, muitos truncamentos, entre outras marcas próprias da escrita utilizada na produção dos textos digitais.

Necessariamente essa linguagem que chegou à sala de aula precisa ser considerada pelas escolas e pelos sujeitos que as compõem. Porém, não há efetivamente a apreciação das linguagens produzidas pelos jovens e adolescentes em ambientes digitais, permanecendo, muitas vezes, o ensino de conteúdos tradicionais e negligenciando essa produção que é real e significativa para seus usuários. Inicialmente vista como invasora, ou seja, na escrita e na oralidade dos/as educandos/as, puderam-se perceber as marcas desse convívio, mas não foi acolhida e trabalhada pelos/as professores/as; ao contrário, por parte de parcela significativa da docência, houve muita preocupação em coibir os usos dessa linguagem na produção escolar. Nada condenável- é preciso que se ressalte- uma vez que sempre se colocou para estes/ES profissionais de língua materna a responsabilidade pelo ensino da variedade formal da língua. É, portanto, compreensível que a chegada de expressões com ortografia e léxico nada convencionais causasse certa preocupação (ARAÚJO E BIASI RODRIGUES, 2005).

Conhecer, se apropriar e desenvolver na escola as práticas discursivas externas da mesma não descarta hoje a necessidade de se conhecer, não somente os gêneros, mas a sua linguagem: como essa linguagem é produzida, como ela é armazenada, como se dão os processos de sua produção, em suma faz-se necessário adentrar no universo virtual para compreender a linguagem nele desenvolvida e, principalmente, compreender as influências dessa linguagem no contexto escolar, sobretudo na escrita.

DOS RABISCOS NAS CAVERNAS À CULTURA DIGITAL: A EVOLUÇÃO DA ESCRITA

Por muito tempo, a humanidade fez uso da linguagem oral, habilidade fundamental em seus processos de organização, necessária para a evolução da espécie humana, mas ainda insuficiente para atender às necessidades de comunicação e interação, inerentes ao ser humano. Isso posto, evidencia como a escrita trouxe maiores possibilidades às sociedades humanas. Comunicar não somente com quem está aqui e agora, mas estabelecer contato com aqueles que estão distantes no tempo e no espaço. “Diante de sua necessidade de um meio de expressão permanente, o homem primitivo recorreu a engenhosos arranjos de objetos simbólicos ou a sinais materiais, nós, entalhes, desenhos” (HIGOUNET, 2003, p. 9). Essa necessidade já estava presente no ser humano primitivo e se mostra presente nas sociedades contemporâneas. Higounet (2003) ratifica essa ideia quando acrescenta que “em nossos dias, a reprodução em disco ou fita magnética, outro procedimento de fixação da linguagem, mais direto que a escrita, começa a concorrer com ela”.

Quando a sociedade estabeleceu e desenvolveu o sistema de escrita, os indivíduos tiveram de fazer uma opção: ou dominá-la ou ficar à margem de muitas interações sociais. Em nossos dias, quando a escrita predomina nas relações sociais, presente na maioria dos processos de interação e comunicação, o não domínio dessa modalidade de linguagem cria muitas barreiras e o “iletrado” enfrenta muitos obstáculos para conviver e ascender socialmente. Em tempos primitivos, os seres humanos sentiam cada vez mais a necessidade de estabelecer contatos e registrar suas impressões e experiências cujo alcance fosse capaz de vencer a barreira do tempo e do espaço ainda não conseguido pelas experiências de comunicação oral e gestual. Isso os impelia a criar formas para atender àquela necessidade.

Do seu contato com a natureza, o homem primitivo extraiu os primeiros instrumentos e materiais para realizar seus registros, muitos dos quais evidenciam a necessidade de contar seus feitos e organizar suas tarefas. “Outrora, numerosas substâncias serviram de suporte à escrita e são ainda usadas em situações excepcionais” (HIGOUNET, 2003, p. 16). Com o tempo, essa necessidade parece ter se tornado cada vez maior e graças à criatividade e curiosidade humanas, tão

logo desenvolveu habilidades necessárias ao manejo dos instrumentos disponíveis, os homens foram pouco a pouco criando símbolos capazes de representar aquilo que lhes parecia necessário para transmitir suas mensagens aos contemporâneos e à posteridade. Dos primeiros rabiscos nas cavernas ao sistema alfabético que temos hoje, os homens tiveram uma longa jornada.

Paralelamente, a necessidade de simplificação dos signos escritos foi tornando o sistema mais compacto e funcional. Tal necessidade parece ter se mantido ao longo da história e hoje podemos observar essa tentativa de abreviação na escrita em meio digital. As *emoctions* não parecem funcionar muito diferentes, tanto na produção de sentido quanto na simplificação de textos.

Diferentes civilizações começaram a trabalhar com sistemas mais simplificados e, ao mesmo tempo, capazes de identificar distintos conceitos, seres e objetos. Esses contextos históricos surgem da necessidade de comunicação e expressão humanas, abstraindo-se sempre e cada vez mais, que se originaram e se desenvolveram paulatinamente os diversos sistemas de escrita, em diferentes lugares. Estabeleceram-se padrões nas representações gráficas que foram se aperfeiçoando e tornando-se mais complexas com o passar do tempo, de tal sorte que sua aquisição não mais estaria ao alcance imediato por leitura visual; seu domínio demandaria um processo de trabalho intelectual o qual exigia tempo e dedicação. Tal realidade gerou a elitização da escrita. Somente um pequeno grupo de pessoas, as elites clericais e comerciais eram instruídas e tinham acesso à escrita. E assim foi por um longo tempo.

As transformações sociais permitiram a popularização da escrita. Alguns eventos históricos e descobertas científicas tornaram-se propulsores dessa popularização. Dentre eles, podemos citar alguns que merecem maior destaque. No século XV, a invenção da imprensa tornou possível a reprodução de livros e ampliou o número de pessoas a terem acesso à leitura, graças à invenção de Gutemberg que garantiu a rapidez necessária à produção de uma grande quantidade de livros em menor tempo. Mas, a popularização da escrita deu-se mesmo com o surgimento da instituição escola que, propiciando uma alfabetização em massa, torna possível a comunicação pela escrita entre todas as classes sociais.

Diferentemente da linguagem oral, cujos interlocutores estão

presentes no momento em que se dá o processo de interação, na escrita temos um autor distante, que se expressa para um leitor, muitas vezes não conhecido, cabendo a quem escreve apresentar o máximo de informações referentes ao contexto, ao tema em questão, ao seu propósito comunicativo, sem desconsiderar o leitor para o qual a escrita se destina.

Segundo Higounet (2003), a escrita deixou de ser “um procedimento do qual atualmente nos servimos para imobilizar, para fixar a linguagem articulada, por essência fugidia”, para ser, na verdade, “uma nova linguagem”, através da qual, além de garantir a permanência da expressão, o leitor pode acessar o mundo das ideias que se encontram organizadas através do texto escrito. O autor defende que a escrita está diretamente relacionada à civilização, entendendo que a história da humanidade se divide em duas eras: antes da escrita e depois da escrita. É cabível atentar para o risco de que esse pensamento nos leve à errônea conclusão de que sem escrita não há civilização. Na era da escrita, a grande maioria das relações sociais estabeleceu-se através do texto escrito. O autor admite que, em algum momento, possa haver uma era depois da escrita e nos indagamos se o mundo digital já não preconiza a chegada desse tempo novo, uma vez que tantas novidades e possibilidades têm sido evidentes nesse contexto atual.

Há discussões, entretanto, que questionam essa primazia da escrita como eixo civilizatório da humanidade. Marcuschi e Hoffnagel (2007), em sua obra *Fala e Escrita*, baseada nos estudos de Havelock (1995), observa que as formas de armazenamento da escrita são, na verdade, originárias da tradição oral que já havia desenvolvido estratégias de textualização diferentes da conversação a qual serviria ao armazenamento das informações. A escrita teria se apropriado dessas formas de textualização da fala e as desenvolvido, conseguindo eficiência em seu propósito de armazenar as informações e transmiti-la à posteridade.

Passados séculos de primazia da escrita, muitas tecnologias foram criadas, muitas alterações já discutidas no início desse estudo. E pode-se quase afirmar a existência de uma escrita paralela, embora muitos procedimentos da escrita formal tenham sido incorporados à escrita produzida na *internet*.

Na *internet* predomina a linguagem chamada digital, uma

linguagem mista que carrega marcas das várias linguagens a que temos acesso na sociedade, tais como a linguagem oral, imagética, iconográfica, entre outras, mas a linguagem escrita, em diferentes níveis de formalidade, é também muito presente no espaço cibernético. É uma linguagem marcada por hipertextos, e entremeada de *links* que permitem aos seus leitores estabelecer conexão em todas as direções e retomar ao texto inicial a qualquer instante ou redirecionar o seu caminho. A metáfora de pontes ou redes interligadas é bastante pertinente para descrever a rede. Nesse espaço digital, há inúmeras possibilidades tanto de produção como de recepção de conteúdos. Para cada público há conteúdo específico, personalizado, bem como a possibilidade de interação entre os usuários seja por mensagens instantâneas como o *Messenger*, *chats* ou de interação em curto prazo como em fóruns, troca de *e-mails*, sem desconsiderar a imensa capacidade de armazenamento que permite a guarda de acesso das publicações de modo prático e flexível. Cada vez mais avançada a técnica, hoje há um mundo de informações e possibilidades de interação ao nosso alcance.

Já indagamos se a intensificação do uso da escrita exigida na *internet* poderia promover também uma maior alteração dessa modalidade comunicativa. Tendo por base as reflexões de Marcuschi e Hoffnagel (2007), levantamos a hipótese de que sim, é possível que haja várias formas de escrita no futuro. Não se trata, nesse contexto, de afirmar que a língua está sendo molestada, alterada ou transformada. Não é a ideia de que surgirão novas regras de sintaxe na língua portuguesa, de que o idioma será destruído, mas a ideia é a de que, em razão de as novas formas de comunicação terem adaptado e promovido tantas variações na utilização do idioma, em certos contextos digitais, é possível nos depararmos, no futuro, com formas novas que atendam às necessidades dos/as usuários/as da rede mundial. Esse futuro do qual falamos é incerto, faz-se necessário admitir porque o mundo digitalizado guarda a instabilidade como uma de suas características marcantes, assim não há como fazer previsões sem o risco sério de se equivocar. No entanto, é conveniente e necessário para o ensino de línguas, especialmente o ensino de língua materna, compreender em que medida há intervenções dessa linguagem nova – a linguagem digital – oriunda da informática, sobre a linguagem escrita nesse momento histórico. Ao discutir as relações com fala na busca pela

caracterização da escrita Marcuschi e Hoffnagel (2007), citando Olson (1977), admitem que haja sim a transição de uma modalidade para a outra, o que aponta para um pensamento que essa transição também se dá entre as escritas convencional e digital. Trata-se de uma variação linguística influenciada pelo suporte e pelas condições de produção dos enunciados.

Apropriar-se da linguagem digital, aproximá-la da linguagem corrente e manuscrita dos estudantes não implica em realizar a crítica, propor a tradução ou a correção dessa linguagem. Pode ser uma rica experiência de reconhecimento de uso da língua, em diversas variedades e a dinâmica da língua em uso que historicamente é viva e variável. Por que não admitir que os usuários da linguagem praticada nos meios de comunicação digitais podem estar trazendo influências dessas práticas em suas experiências de escrita? Por que não admitir que essas influências possam ser naturais, benéficas à construção de sentidos? Por que também não admitir a possibilidade de que as influências das práticas na *internet*, muito mais significativas em termos de quantidade, possam estar influenciando a escrita convencional, inclusive dificultando a expressão esperada em certos gêneros mais formais? São questões necessárias que precisam ser problematizadas pela escola e pelos docentes de língua portuguesa.

Entendemos como natural, pois se observa em textos de escritores iniciantes marcas de oralidade muito presentes, assim como características de um gênero textual em outro gênero. Essas marcas são consideradas naturais e, graças ao trabalho de reescrita que se faz ao longo do ensino de língua materna, assim como após recorrentes práticas de leituras, entre outros fatores possíveis, elas ficarão cada vez menos presentes até que se atinja a proficiência naquele gênero em questão. E assim, entendendo como possível e natural essas ocorrências valida-se a hipótese dessa migração das estratégias e formas dos espaços digitais para os espaços convencionais e ratifica-se a necessidade de conhecer a linguagem dos espaços digitais e considerá-la como mais uma variedade quando, no ensino da escrita, o professor depara-se com a tarefa de analisar os textos dos estudantes de qualquer nível de ensino, sobretudo no ensino fundamental.

Por digital, entende-se o texto escrito que assume diferentes formas na tela do computador bem como no celular, *tablet* e afins. “A digitalização é o fundamento técnico da virtualidade” (LÉVY, 1999, p.

48). Assim, para entender o digital é importante que se compreenda o que é virtual. Segundo o pesquisador, o virtual pode ser entendido sob três pontos de vista: o técnico, relativo à informatização; um filosófico, segundo o qual aquilo que é virtual existe em potencial e se concretiza em sua atualização (por exemplo, Lévy (1999) apresenta a árvore que tem no grão sua existência virtual); e um de uso corrente que apresenta o virtual como contrário àquilo que é real, nesse sentido virtualidade refere-se à irrealidade, não existe no plano real. Para o autor, o virtual e o real não se dividem, assim, uma palavra pronunciada num determinado tempo ou lugar representa atualização daquilo que é virtual, porém cada atualização se diferencia, porque “o virtual é uma fonte indefinida de atualizações”, segundo Levy (1999, p.46). Essa proposição leva à compreensão de que na tela do computador ou na telinha do celular poderemos atualizar textos e discursos disponibilizados num plano virtual.

Sobre a escrita nos discursos eletrônicos, Marcuschi (2010, p.22) resume o dito em Crystal que destaca aspectos a serem considerados quando se trata da linguagem da *Internet* e sobre o efeito da *Internet* em nossa linguagem:

- (1) Do ponto de vista dos usos da linguagem: temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética;
- (2) Do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem: integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio com participação mais intensa e menos pessoal, surgindo a hiperpessoalidade;
- (3) Do ponto de vista dos gêneros realizados: a *Internet* transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos. Contudo, um fato é incontestável: a *internet* e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na *internet* a escrita continua sendo essencial.

Considerando o primeiro e terceiros aspectos apontados por Crystal (2001) relevantes aos nossos propósitos, é conveniente aprofundá-los. Pode-se partir das afirmações de Marcuschi (2010) que estabelece a relação entre a oralidade e a escrita, nesse contexto específico de escrita. Se na escrita regular, as marcas de oralidade

fazem-se presentes muitas vezes, mais ocorrem nos contextos digitais. Isso inviabiliza, segundo o autor, a tradicional dicotomia oralidade e escrita ainda presentes nos manuais de ensino de língua. O que se pode observar na escrita digital é um certo hibridismo (grifo do autor). Além disso, observa-se que os gêneros digitais permitem uma integração entre diversas semioses como signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. O autor destaca ainda a plasticidade dos novos gêneros, especialmente da publicidade.

Um outro aspecto relevante é o intenso uso da escrita que a *internet* exige. Essa intensificação do uso da escrita poderia, em hipótese, promover também uma maior alteração dessa modalidade comunicativa? Para Marcuschi (2010), é possível que sim, pois as mudanças que ocorrem na linguagem oral pela intensidade de uso dessa modalidade, poderão tornar-se muito mais velozes a partir do momento em que o uso da escrita se intensifica significativamente. Assim, não é descartada a possibilidade de que no futuro coexistam várias formas de escrita, relativamente aos diversos contextos de usos dessas escritas. Estaria aí uma das causas de tantos truncamentos e tanta brevidade na escrita dos adolescentes?

Essa busca por resposta direciona-se mais uma vez a Crystal (2001). Em suas pesquisas, reflexões e observações não se encontram uma preocupação do autor com a decadência da língua em razão da ampliação do uso da *internet*. Em suas considerações, é desenhada, em longo prazo, uma revolução sem precedentes, especialmente sobre os processos comunicativos, graças à evolução da tecnologia, entretanto, há uma tranquilidade do mesmo em mostrar que nenhuma variedade linguística está se perdendo, tão somente somam-se, segundo sua ótica, novas variedades e possibilidades de uso da língua.

Considerando as contribuições do referido autor como muito pertinentes e observando que admitem as variações linguísticas no meio digital, associando essas ideias às discutidas por Marcuschi (2010), que aceita a ideia de migração de uma modalidade para outra, reitera-se a ideia de que mediante tantas proposições e novidades que se apresentam com a *internet*, seja mesmo possível ou provável que, pelo uso constante da linguagem interativa das redes sociais por parte de nossos jovens escritores, haja de fato uma interferência dos usos da modalidade de um meio sobre o outro. Não afirmamos que haja o fim de qualquer modalidade, mas admitimos que haja a migração

de estratégias e marcas da variante digital estejam sendo acrescentadas às estratégias tradicionais na produção de textos escolares.

Não somente na comunicação houve mudanças, mas em outros processos sociais: o imediatismo, a rapidez e a economia de tempo tornaram-se marca dos novos tempos. Os adolescentes, totalmente inseridos nesse contexto de mudanças, ainda em processo de aquisição da variedade formal da linguagem, podem estar transmutando algumas das estratégias utilizadas nos meios digitais em suas produções escritas escolares e produzindo textos mais sucintos, alterando os processos coesivos, trazendo estratégias da comunicação em tempo real para a produção escrita convencional, esta sincrônica e, conforme Marcuschi e Hoffnagel (2007, p. 92), nela “é preciso verbalizar tudo, ao passo que na oralidade temos a possibilidade de utilizar a situação física e podemos apontar com o dedo ou outros recursos”.

Essas possibilidades da oralidade permitem a omissão de muitas informações que por vezes necessárias à produção de sentido no texto escrito. Do mesmo modo, ocorrem nas conversas instantâneas realizadas em meios digitais. Nelas, há também recursos que permitem uma comunicação mais econômica dando, aos/às interlocutores/as, mais fluidez aos textos produzidos e permitindo aos/às interlocutores/as estabelecer sentidos. Estudantes, imersos/as nessas práticas comunicativas digitais e pouco adeptos à prática da escrita convencional, podem trazer para essa as marcas daquela.

Há, entretanto, muitas implicações nos processos de produção textual advindas dos usos frequentes da linguagem digital; não são necessariamente nocivas, mas que precisam ser compreendidas e trabalhadas, pois os/as estudantes estão convivendo com essas manifestações linguísticas e, de certa forma, inserindo alguns traços das mesmas para a linguagem manuscrita, sem que se saiba como e em que medida isso acontece. Assim, afirmamos hipoteticamente que os vestígios de oralidade (rupturas nos enunciados, brevidade, desconexão entre partes do texto) presentes nos textos produzidos pelos/as alunos/as do ensino fundamental ocorrem, em parte, pela produção cotidiana em textos do *WhatsApp*.

METAMORFOSE DA ESCRITA? E AGORA PROFESSORA?

Muitos são os fatores que podem interferir nessa produção textual discutida acima. O primeiro deles é comprovadamente a

existência de falhas no processo de aquisição da escrita, ou mesmo a não consolidação desse processo. Não escrevem de uma determinada forma porque (ainda) não aprenderam a escrever. Mas, é possível identificar também algumas marcas indicativas de uma incorporação daquelas estratégias anteriormente expressas - rupturas, truncamentos, brevidade, entre outros - na escrita de textos escolares. Marcas da oralidade poderiam explicar, em alguns casos, certos registros, contudo, a despeito de Araújo e Biasi-Rodrigues (2005) mostrarem que a língua portuguesa não corre perigo algum nesse contato com as linguagens digitais, é importante atentar para outra afirmação desses mesmos pesquisadores que respaldam nossa preocupação, a saber, é preciso que haja uma atenção redobrada das abordagens teórico-metodológicas voltadas para o ensino em relação aos novos recursos que estão sendo criados para agilizar a troca de informações no ambiente virtual, pois, conforme alertam os autores:

Salta aos olhos o papel que as condições externas (sociais, culturais, históricas, tecnológicas) exercem sobre os usos da língua, sobrepondo-se até mesmo às condições internas (formais ou estruturais) mais facilmente visíveis na superfície textual (ARAÚJO; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 10).

Deduz-se que a grande preocupação relacionada ao uso da linguagem digital são os desafios que ela traz ao ensino e à aprendizagem, visto que pela *internet* as informações se multiplicaram, os processos tornaram-se mais complexos, as formas de acesso e produção se transformaram. Temos pela frente, em consonância com os/as autores/as, uma necessidade de formação apropriada para os/as educadores/as, pois deverão orientar seus/suas alunos/as para saber lidar com essa nova demanda de conteúdos e conviver com mais um formato de linguagem, usando apropriadamente cada uma e, quem sabe refletindo sobre as variedades ou trazendo desse convívio com a linguagem digital uma maior consciência sobre a produção de sentidos em sua escrita convencional.

Os/as professores/as de língua materna têm uma responsabilidade diante do exposto. Nesse contexto, torna-se relevante que os/as docentes compreendam melhor essas questões. Entende-se que, na medida em que se percebe a ineficácia do ensino e, ao mesmo tempo, observa-se o uso real e espontâneo da língua em situações cotidianas,

não há outra alternativa senão apropriar-se dessa linguagem e usá-la a favor do ensino, alertando para o que afirma Gomes (2016), quando discorre sobre a escrita nas redes sociais:

Muitas práticas da escrita no meio digital extrapolam as propostas de redação e leitura nas escolas, mesmo quando estas envolvem os dispositivos tecnológicos, por estarem presas a determinados valores e padrões e por não considerarem a formação e a manutenção de redes de relacionamentos como uma das motivadoras das interações via escrita (GOMES, 2016, p. 82).

Deduz-se que a escrita nos meios digitais é descomprometida com padrões, realiza-se de forma livre e permite que os/as usuários/as atendam plenamente suas necessidades comunicativas, sem censuras. A escrita escolar, conforme o autor, tem compromisso com padrões pré-estabelecidos e, mesmo quando fazem uso dos recursos tecnológicos, são indiferentes aos motivos que atraem os usuários às redes sociais, ou seja, a formação e manutenção de relacionamentos. Nos espaços digitais, portanto, a escrita se dá de modo parecido às condições de fala, parte da necessidade de fazer contato com o outro e manter essas relações. Essas condições de produção são as já defendidas por Koch e Elias (2012, p. 88) quando afirmam que “um dos requisitos básicos para a produção de todo e qualquer texto é a contextualização, ou seja, sua ancoragem em dada situação comunicativa”.

Ao se problematizar os meios digitais, parece que se fala de algo demasiadamente amplo e de fato o é. Muitas são as redes sociais, aplicativos, páginas interativas, conteúdos multimodais, entre tantos outros serviços disponíveis na *internet*. Coube verificar por meio de pesquisa quais os mais usados entre os/as alunos/as do ensino fundamental. Alguns/algumas se destacam pela preferência, mas nenhum/nenhuma se iguala ao *WhatsApp* neste momento.

O grande diferencial do *WhatsApp*, segundo os seus criadores, foi a inovação do sistema de utilização dos contatos telefônicos no *software*. Quando um/a usuário/a faz o download do aplicativo para seu telefone, não é necessário criar uma conta ou adicionar amigos/as para utilizar a plataforma. O próprio aplicativo localiza os números de celulares salvos no aparelho e automaticamente identifica qual está cadastrado no *WhatsApp*, adicionando para a lista de contatos do novo/a usuário/a. Esse aplicativo é considerado por alguns/algumas

um substituto das mensagens instantâneas, por ser mais prático e econômico. O que mais agrada é não haver custo adicional para enviar as mensagens, além do plano de dados já utilizado para se conectar à *internet*. Assim, sem maiores gastos, o/a usuário/a pode enviar mensagens, vídeos, compartilhar conteúdos, conversar, inclusive realizar conversas com transmissão de imagens.

Entre os/as usuários/as das redes sociais, não há como negar a preferência. A todo instante, estamos sempre recebendo e enviando mensagens e, à nossa volta, vemos pessoas usando seus celulares, boa parte delas fazendo uso do *WhatsApp*. Num levantamento inicial, ampara-se no trabalho de Mestrado de Caiado (2005) intitulado “meuqueriblog.com”: a notação produzida no gênero *weblog* e sua influência na notação escolar para um levantamento inicial de marcas transgressoras das conversas dos adolescentes nos gêneros digitais, muito próximos aos produzidos no *WhatsApp*, a saber: 1) transgressões ortográficas: supressão de vogais como em *msm*, *vc*, *q*; omissão de acentos ou substituição por H como em *la*, *lah* para *lá*; *ta*, *tah* para *tá*; substituição do til pelas letras AUM como em *naum*; uso da letra *k* em lugar da letra *c* ou do dígrafo *qu* como em *boka* e *kis*; alongamentos como em *galeraaaaa*; não uso da cedilha, às vezes com troca do *ç* por *x* como em *coraxaum* e *aconteca* para “*coração*” e “*aconteça*”; colocação do *ç* em lugar de *c* como em *conhece*; hipersegmentação como em *façaiisso*; 2) uso intensivo de onomatopeias com grafia modificada como em *Oiee*, *hummmmm*; 3) uso de recursos semióticos tais como as *emojis*; 4) redução de enunciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os usuários das redes sociais, não há como negar a preferência pelo *WhatsApp*. Num levantamento inicial, podemos ver na escrita deles/as que: 1) transgressões ortográficas: supressão de vogais como em *msm*, *vc*, *q*; omissão de acentos ou substituição por H como em *la*, *lah* para *lá*; *ta*, *tah* para *tá*; substituição do til pelas letras AUM como em *naum*; uso da letra *k* em lugar da letra *c* ou do dígrafo *qu* como em *boka* e *kis*; alongamentos como em *galeraaaaa*; não uso da cedilha, às vezes com troca do *ç* por *x* como em *coraxaum* e *aconteca* para *coração* e *aconteça*; colocação do *ç* em lugar de *c* como em *conhece*; hipersegmentação como em *façaiisso*; 2) uso intensivo de onomatopeias com grafia modificada como em *Oiee*, *hummmmm*;

3) uso de recursos semióticos tais como as emojis; 4) redução de enunciados.

Assim, é imprescindível para os/as professores/as de língua materna a apropriação das linguagens utilizadas nos meios digitais como forma de melhor compreender a linguagem dos/as estudantes, em sua maioria expostos e usuários/as dessas linguagens. Sem pretensões de ensiná-la ou tampouco sem a ousadia de corrigi-las ou suprimir o seu uso. Há por parte do/a professo/a de língua materna a responsabilidade de promover o avanço dos/as estudantes em sua escritura. O conhecimento dos usos da escrita nos diversos meios poderá contribuir para que haja uma reflexão produtora desses usos e, por conseguinte, uma orientação sobre a adequação da escrita, seu grau de formalidade aos gêneros aos interlocutores, bem como aos suportes e suas especificidades.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, G. A. et al. **WhatsApp como ferramenta de apoio ao ensino**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, IV, 2015, Petrolina – PE. Anais eletrônicos do Workshops do IV Congresso Brasileiro de Informática na Educação Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CIBIE 2015). Petrolina: IFSertão-PE, 2015. p. 787-795. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/wcbie/article/view/6117/4285>>. Acesso em 03 fev. 2017.
- CAIADO, R. V. R. **“meuqueriblog.com”**: a notação produzida no gênero weblog e sua influência na notação escrita escolar. Dissertação de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pernambuco. Recife: 2005. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7994>> Acesso em: 16 jan. 2017.
- CRYSTAL, D. **Language and the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- GALLI, F. C. S. Linguagem da internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOMES, L. F. Redes sociais e escola: o que temos de aprender? In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. 10. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MARCUSCHI, L. A.; HOFFNAGEL, J. A escrita nos contextos dos usos linguísticos: caracterizando a escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.) **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.

PORTAL DO SISTEMA PERMANENTE DE AVALIAÇÃO BÁSICA DO CEARÁ (SAPECE). <<http://resultados.caedufjf.net/resultados/publicacao/publico/escola.jsf>> Acesso em: 13 fev. 2017.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

XAVIER, A. C. Retórica digital nas redes sociais. In: XAVIER, A. C. et all. **Hipertexto & Cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais**. São Paulo: Respel, 2011.

Recebido em: 20/12/2018

Aceite em: 15/06/2019